

Andre Naves

Beethoven enxergou o luar

Meditações para viver bem!

AMOSTRA



ALTA BOOKS  
GRUPO EDITORIAL

# Beethoven enxergou o luar

Copyright © 2025 Contra o Vento.

Contra o Vento é uma empresa do Grupo Editorial Alta Books (STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA).

Copyright © 2025 Andre Naves.

ISBN: 978-65-83604-25-5

Impresso no Brasil — 1ª Edição, 2025 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N323B

Júnior, Sandonaity Monteiro Amorim.

Cultra pop & teologia: Diálogos / Sandonaity Monteiro

Amorim Júnior

São Paulo: Editora contra o Vento, 2025.

192 p.; 14 x 21 cm

ISBN 978-65-83604-25-5

1. Diário 2. Paz 3. Meditação

CDD 200

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

**Marcas Registradas:** Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

**Material de apoio e erratas:** Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site [www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

**Suporte Técnico:** A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor Editorial:** Anderson Vieira

**Editor da Obra:** Eduardo de Proença

**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutüs

**Gerência Comercial:** Claudio Lima

**Gerência Marketing:** Andréa Guatiello

**Copidesque:** joana da Silva

**Revisão:** Claudia Montico

**Diagramação:** Luana Vulcano

**Capa:** Victoria Cristina Eduardo

Rua Viúva Cláudio, 291 — Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 — Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) — [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)

Ouvidoria: [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)

Editora



## PRÓLOGO

Enxergar é perceber a Beleza com a Alma!

A Alteridade é uma noção fundamental quando almejamos uma saúde mental adequada e significa enxergar no outro não apenas alguém diferente de nós, mas também alguém que pode contribuir para o nosso próprio crescimento e realização pessoal. É perceber que ao conviver com pessoas diferentes, aprendemos e nos enriquecemos enquanto indivíduos.

Quando enxergamos alguém com os olhos da alma, vamos além da simples visão física. Estamos reconhecendo o valor humano presente em cada pessoa. Enxergar dessa forma é sentir mais que empatia, é se importar com o outro e valorizar sua individualidade e perceber o outro como a chave para o auto-enriquecimento.

Nossa individualidade só se concretiza no outro, na coletividade! Alteridade é isso, se alterar pela experiência da convivência. A diversidade é um conjunto plural de pessoas com características, origens e experiências distintas. É importante reconhecer essa diversidade e respeitar as diferenças entre as pessoas.

Apesar de tudo, só a diversidade não é o suficiente. Precisamos garantir a inclusão, ou seja, trazer todas essas pessoas para posições de destaque e protagonismo. Ao promover isso, além do aprendizado mútuo, a alteridade possibilita que cada pessoa compartilhe suas experiências e práticas, enriquecendo o todo.

Cada indivíduo tem algo valioso para oferecer, e é por meio da colaboração entre as diferentes individualidades

que o progresso acontece. Ao valorizarmos a diversidade, trabalhando em conjunto, temos a oportunidade de construir caminhos para o sucesso e criar uma sociedade mais justa. Esse é o espírito da coletividade: a exaltação das individualidades, unidas, para construir estruturas sociais sustentáveis, inclusivas e justas.

Vivemos em uma era maravilhosa de inovação e avanços tecnológicos, em que a inteligência artificial assume muitas tarefas técnicas. No entanto, a criatividade e a inovação continuam sendo atributos exclusivos dos seres humanos. A essência criativa da humanidade não pode ser reduzida a algoritmos.

A inclusão é essencial para o progresso social! Ela impulsiona a criatividade e as habilidades de interação entre as pessoas. Para construirmos uma sociedade sustentável, inclusiva e justa, é necessário que todos colaborem com esse propósito. Assim, juntos, podemos criar estruturas sociais que valorizem a diversidade, promovam a inclusão e permitam que cada pessoa seja a protagonista de sua própria história.

## SUMÁRIO

### *Parte 1: Família e Memórias, 13*

Capítulo 1: Dinheiro Na Minha Mão É Vendaval, 17

Capítulo 2: Confissões De Um Apaixonado, 21

Capítulo 3: Oi, Pai..., 25

Capítulo 4: Dona Armênia, 29

Capítulo 5: Sapos Saltam, Saudades Sussurram, Sonhos Sopram, 31

Capítulo 6: Nipônicos E Sarracenos, 35

Capítulo 7: Pau-Brasil, 39

Capítulo 8: Dou Um Boi Para Não Entrar Numa Briga, Mas Uma Boiada Para Não Sair!, 41

Capítulo 9: Gavroche, 43

Capítulo 10: Oriente, 47

Capítulo 11: Fagúia, 49

Capítulo 12: Charles Bronson, 51

### *Parte 2: Trabalho e Equilíbrio, 53*

Capítulo 13: A Cachaça De Areia, 55

Capítulo 14: Senta No Próprio Rabo..., 59

Capítulo 15: Orelhas De H..., 63

Capítulo 16: Mana..., 67

Capítulo 17: Zicartola, 71

Capítulo 18: Vovó Telê, 73

- Capítulo 19: *Le Chaim*, 77  
Capítulo 20: Fígaro!, 81  
Capítulo 21: Trabalhe Enquanto Eles Dormem..., 85  
Capítulo 22: Tutu De Feijão, 91  
Capítulo 23: Beethoven Enxergou O Luar..., 93

*Parte 3: Disciplina e Força, 97*

- Capítulo 24: Serifa, 99  
Capítulo 25: Choro Uma Palavra Feminina, 103  
Capítulo 26: Fantasia, 107  
Capítulo 27: Ophicleide, 109  
Capítulo 28: O acorde, 113  
Capítulo 29: Cores da Esperança, 117  
Capítulo 30: *Chutzpah*, 119  
Capítulo 31: O nome: Moisés, 123  
Capítulo 32: Metalinguagem, 125  
Capítulo 33: “Quem fala demais dá bom dia a cavalo!”, 127  
Capítulo 34: Ressureição, 129

*Parte 4: Perseverança e Beleza, 133*

- Capítulo 35: ENXERGAR!, 135  
Capítulo 36: Maratona, 137  
Capítulo 37: O MASP Sambou, 139  
Capítulo 38: Alma, 143  
Capítulo 39: Diálogo entre Olhos, 145  
Capítulo 40: Deserto sem Respostas, 147  
Capítulo 41: Décimo Terceiro, 149  
Capítulo 42: *Il Neige*, 153  
Capítulo 43: Mar calmo, viagem Próspera, 157

Capítulo 44: Sinhá, 161

*Parte 5: Alteridade E Sabedoria, 169*

Capítulo 45: Aroma de Saudades, 171

Capítulo 46: Platero, 173

Capítulo 47: Luzes na Noite, 177

Capítulo 48: Shofar, 179

Capítulo 49: Respostas..., 181

Capítulo 50: Absurdo!, 183

Capítulo 51: Senhor Brasil, 185

Capítulo 52: Utopia, 187

Capítulo 53: Minha alma canta sempre que Caminho junto ao Povo Judeu, 189

Capítulo 54: Não tenho lágrimas..., 191



## FAMÍLIA E MEMÓRIAS

Enxergar o outro, perceber com a alma, para juntos construírem os melhores caminhos possíveis. Para sorrir, devemos perceber que nossa individualidade só se torna completa quando plenamente inserida na coletividade.

Ou seja, as características mais individuais de cada um, tudo aquilo que é da nossa personalidade, só faz sentido quando se encaixa nos outros. Parece um quebra-cabeças, em que cada pecinha se liga as outras para formar uma imagem muito mais bela. Aristóteles já pensava nisso quando dizia que o todo é maior que a soma das partes, então nenhum de nós é tão bom quanto todos juntos!

Mas, também, a realidade é tão concreta quanto aquele barro em que pisamos todos os dias. Ninguém constrói um bom caminho só com ideias, pois por melhores que elas sejam, elas não alteram a realidade. Dizem, inclusive, que as melhores ideias nunca mudam o mundo: elas trazem novas maneiras aos indivíduos que, por sua ação, acabam por edificar novas estruturas sociais.

Querem um exemplo?

O livro de receitas da Dona Benta pode ter as melhores gostosuras do mundo, mas para que as receitas saiam das páginas e venham para nossos pratos, é preciso do trabalho de quem cozinha, de quem consegue os ingredientes, de quem dá palpites...

Aliás, o palpiteiro é fundamental para que o trabalho da cozinha fique legal! Ele fica lá, nunca cozinha, mas corneta tudo. Conta piadas, reclama, conversa, dá dicas (boas e furadas). No fim, ele transforma o trabalho da cozinha, de uma solidão individual, para um sorriso coletivo.

Será que o palpiteiro não cozinha?

Será que ele cozinha de outra forma? De uma maneira nova que desafia nossos preconceitos individuais? Que desconstrói o individualismo de todos nós?

O individualismo é a doença da individualidade, sempre que essa é contaminada pelo vírus do egoísmo e pela sujeira do narcisismo. É o contrário da individualidade, que ganha novos perfumes com cada laço coletivo. Ele bombardeia e destrói os vínculos coletivos. Ele constrói pontes provisórias baseadas no lamaçal do desejo e do interesse.

O individualismo gera solidão. As relações humanas acabam por se tornar coisas e instrumentos: elas só valem a pena, segundo o individualismo, enquanto interessantes para os objetivos egoístas.

A individualidade, quando deformada pelo individualismo, vira interesseira. É por isso que precisamos, a todo momento, descer às catacumbas de nosso “eu”, para entender nossos pontos fortes, nossas falhas, e a necessidade dos outros para que nossa identidade ganhe maiores cores.

Dizem uma grande verdade: Que “é junto dos bão que se fica mió”! Mas é junto mesmo... É conviver!

**CONVIVER!**

Construir pontes duradouras, caminhos floridos, estradas cheias de árvores...

E qual a melhor escola para o ensino da arte da convivência, se não a família?

Ela é igual a uma feijoada: pertences, feijão preto, arroz, couve, laranja, banana empanada... Até alguns mais inovadores como as feijoadas veganas, a batatinha-frita... E nenhuma feijoca é completa sem uma boa cachaça, uma caipirinha e um samba!

Cada ingrediente isolado é tão diferente dos outros. Alguns, nem de comer são, mas fazem a experiência valer muito mais a pena! Sem uma batucada, o sabor não é o mesmo!

Ou seja, cada pessoa ganha um sabor especial da família. E é bom que se diga, parente é quem sente o coração bater juntos, não importando a distância ou o tempo. Família é com que nosso coração bate...

**COMBATE!**

Ernest Hemingway dizia que quem está ao nosso lado nas trincheiras importa mais que a própria luta. Essa é a família: quem combate ao nosso lado nas trincheiras da vida.

Mas falar de uma ideia de família que fique só no mundo da imaginação é tão artificial quanto aqueles sucos de pozinho... É necessário, para mostrar a família como academia de convivência e transmissão de saberes, falar da minha experiência concreta e real...

A minha família. A nossa família!

# 1

## DINHEIRO NA MINHA MÃO É VENDAVAL!

A genialidade está espalhada por toda a humanidade. Parece até uma assinatura de quadros; desde o DNA ela está lá, em todo ser humano. Mas o interessante é que ela só se realiza na coletividade.

Lembra de um quebra-cabeças? Cada pecinha se encaixa na outra e, juntas, montam uma imagem que faz bem mais sentido. Cada pecinha solitária, por mais bonita que seja, não se compara a todas elas juntas! A genialidade humana é assim! Ela só se ativa no coletivo! Somos gênios quando juntos!

E é sempre bom reconhecer que, quase sempre, gênio é quem cumpre seus deveres mais comuns. A genialidade é trabalhar, comer, sorrir, mas, acima de tudo, compartilhar.

Todas as nossas falhas são resolvidas nos pontos favoráveis dos outros... Pra começo de conversa: será que sobrevivemos sem os outros? A Individualidade só existe na Humanidade, e vice-versa.

Como uma vez, estávamos, uns amigos, minha mulher e eu, em um sarau curtindo as obras de Jacob Gershowitz. Ele era um estadunidense, filho de imigrantes judeus russos, de Nova York, conhecido como George Gershwin. A música dele, junção de música clássica, jazz e ritmos populares, abriu as cortinas dos teatros para os grandes musicais...

Quem poderia imaginar? Um judeuzinho russo fran-zino juntou tudo que estava ao alcance das mãos e plantou sementes de sorriso, poesia e muito trabalho! Um verdadeiro herói americano!

O mais interessante, a genuína obra poética, é que nada se realiza sem a orquestra, os cantores e atores, os figurinistas, maquiadores, contra-regras e toda essa maravilhosa turma que cultiva alegria e colhe felicidade!

Então, após o sarau fomos jantar. Sabe como é, né? É sempre gostoso prolongar o prazer das artes numa mesa farta, com muito vinho. O chato é a conta...Ela sempre chega! Na verdade, eu até gosto dela por ser a artimanha da coletividade mostrando que vivemos uns nos outros. Juntos!

Chegou a dita cuja. Eu paguei. A Ana Rosa (minha mulher) me perguntou quanto tinha sido. Vocês acreditam que eu não sabia? Eu estava tão entretido na conversa, que nem me atentei... Eu não falei que dinheiro na minha mão era vendaval? Pois é!

E isso é muito frequente! Eu não sei mexer com dinheiro! No meu ritmo isolado, a sarjeta e a miséria seriam os destinos finais. Ainda bem que eu casei com a Ana Rosa! Ela é uma guardiã severíssima dos meus tesouros. É mais fácil decifrar os enigmas da Esfinge do que tirar dinheiro dela. Eu adoro a sensação de segurança, sempre que quero um milho na praia preciso pedir um PIX para ela.

Eu entendo e admiro a relação dela com o dinheiro mas, mais do que tudo, com o trabalho. A história familiar dela explica muito disso. Seu bisavô foi ativo membro da Resistência contra o tirano Franco.

Após ser fuzilado pelo fascismo, sua bisavó e seu avô fugiram para uma longínqua terra com palmeiras onde canta o sabiá. Chegaram aqui sem nada, apenas com farrapos, preconceito e medo. Mas, aos poucos, com disciplina e persistência, a educação e o trabalho suavizaram as barreiras do refúgio.

É até difícil acreditar! A Espanha, de tanta beleza, Sol e alegria, onde as noites são mais claras e há luz e energia,

também foi um pântano fétido cheio de um lamaçal odioso que borbulhava iniquidade, exclusão e violência.

Ainda bem que as trevas já se dissiparam e a Luz voltou a orientar aquela terra. Não é engraçado que antes de Mariana Pineda e Garcia Lorca, que antes mesmo de Miró e Picasso, pensamos nas touradas, no flamenco e na paella? É o gênio popular!

O nascimento da paella foi assim... Na verdade, eu não sei se foi mesmo, mas é uma lenda bem poética, e sendo assim, deve, em alguma medida ser verdadeira. Numa pequena comunidade de pescadores ao sul de Almería, os homens pescavam e as mulheres cantavam. Numa expedição pesqueira, entre peixes, Sol e sal, os homens resolveram homenagear as mulheres com uma bela zarzuela.

Juntariam, assim, as belezas do mar, do ar e da terra, num prato que deveria ser compartilhado com música, festa e danças. Tudo isso para elas, “Paella”!